AVEIRO, 11 DE AGOSTO DE 1978 — ANO XXIV — N.º 1212

SEMANÁRIO
PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

Dois inolvidáveis concertos de GUILHERMINA SUGGIA

Reminiscências de um aveirense do «Aveirense»

EDUARDO CERQUEIRA

AQUI há uns quantos dias, soltei-me numa dessas deambulações — de ganhar, por contrapartida, o tempo desperdiçado. Não sei se voltado para fora se para dentro de mim, mais comandado pelos passos sem meta que a determiná-los, calcorreava o caminho mil vezes percorrido no lento ritmo cadenciado a que estou reduzido, e com os propósitos, ao menos platónicos, de retardar, remando contra a maré do tempo e dos seus estragos, manifestos emperramentos, nos agentes locomotores crescentemente perros.

Digressar numa espécie de «volta dos tristes» — um tanto de carácter pessoal — propícia aos propensos mais à introversão silenciosa e meditante do que a expansão de exteriorização dinamicamente animadas e comunicativas.

E em boa hora me lancei nessa circunvalação de restrito perímetro, por que essa vinha bem bafejada e trouxe-me a boa fortuna de esbarrar jubilosamente com um estimado amigo que agora escassas vezes topo nas minhas digressões de peão, com apoio sobrecelente e sem mudanças de velocidade.

No itinerário, plano como a superfície de águas quedas, e apenas a uma pequena quota acima delas — como é próprio desta nossa Aveiro pouco mais que desacidentada em quaisquer relevos significativos, mesmo agora, nos auges do enturgecimento, a entremostrar-se predisposta a crescer para cima, que já não a alastrar — o meu antigo e afectuoso amigo, abria para mim gratíssima, uma franca, afectuosa, sorridente expressão de boa acolhida fraterna. Ao avançar, também sem descomprometimento de fitos, por motivos, assim, similares aos que me moviam, deu com os olhos, de repente reluzindo de contentamento, nos meus, que os espelhavam.

Porque, por venturosa sorte minha, fazia o mesmo percurso, mas ao invés. E num caso desta feição de benignidade recíproca, o andar ao contrário traz o encontrar de frente, a satisfação prontamente emergente do leal e fraterno cara a cara de duas pessoas com motivos múltiplos, entroncados já em geração precedente, para se estimarem por vitalícia continuidade. Traz o bom encontro, de redobrado aprazimento, até porque surge do desprevenido acaso, e, pois, do inesperado — que, como na circunstância, às vezes vem acompanhado de alguma dádiva também de boa sorte escorreita.

Esse velho e radicado amigo — o típico homem bom, no estreme sen-

Continua na página 3

Porquê Aveiro?
SANTA JOANA INFANTA DE PORTUGAL

HONORINDA CERVEIRA

II

Quando, após a conquista de Arzila e Tânger, D. Afonso V autorizou a ida da Infanta para um convento, foram-lhe sugeridas várias casas religiosas, entre as quais Santa Clara de Coimbra. Aliás, foi por este último que D. Joana se decidiu, pelo menos na aparência — já que a sua vontade escolhera Aveiro. Voltemos ao «Memorial»:

«Disse ell Rey e o principe (D. João) aa dita Senhora. que lhes pereciia bõo cõsselho. meter sse E estar ella no moesteiro de sancta Clara de Coybra, que era mũy excelẽte e sũptuoso. onde stavã molheres nobres e fidalgas. E seer ẽ lugar e Cidade onde elles a poderiã muitas vezes Ir veer e tomar prazer e cõssolaçõ cõ ella.» Nesse sentido se puseram a caminho da cidade do Mondego, no mês de Julho de 1472, indo a Infanta acompanhada pelo Rei, seu pai; o príncipe D. João, seu irmão, «cõ os de sua Corte»; a Infanta D. Filipa, sua tia; D. Mécia de Alvarenga, monja de Odivelas e muito dedicada a D. Joana; e muitos fidalgos. Mas, chegados a Coimbra, a Infanta «fallou adeparte cõ el rrey seu padre. humildosamẽte lhe pidido quisesse põor ẽ ffy este tã desejado proposyto e võtade. o qual era viinr veer ho moesteiro de Jhesu da villa daveiro . . . E depois de o tẽer visto stãdo ẽ elle per algũus dias staria onde sua alteza ordenasse». De notar a diplomacia de D. Joana ao fazer o seu pedido; e também o grande amor de Afonso V pela filha. «O qual benigna-

Continua na página 3

O DE AVEIRO

22 de Maio de 1921

Crise Ministerial

Dá-se como declarada a crise ministerial. Se assim fôr, vamos assistir a uma nova *intensidade*, capaz de durar tempos infinitos.

Andam a brincar com o fogo! Os varios grupos politicos não são capazes de se entender?

Pois brincam com o fogo.

Depois queixem-se.

Litoral

De amanhã, 12, e até 20 do corrente, estarão de férias — aliás muito reduzidas! — alguns dos nossos mais prestantes (e voluntários . . .) noticiaristas. Julgámos útil fazer coincidir esse minguado período de merecidíssimo repouso com uma parcela das férias que legalmente (e moralmente!) teremos de conceder ao reduzido (e abnegado) pessoal da Administração.

Assim, dadas as aludidas e imperativas razões, que os nossos prezados leitores certamente, e compreensivamente, aceitarão, o próximo número deste semanário sairá em 25 de Agosto — o que significa uma suspensão de apenas uma semana.

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XXII

Há pouco tempo, um familiar, para prestar a informação que foi encarregado de obter pelo Gerente da firma em que trabalha, perguntou-me a quem pertence o edifício da Rua de José Estêvão, onde está instalado o Externato João Afonso de Aveiro.

Fornecida que foi a informação, possivelmente, por uma associação de ideias, à minha memória afluiu a lembrança das repartições e organismos que eu lá conheci instalados.

Além da Caixa Económica de Aveiro, que era a proprietária do referido edifício e ocupava o rés-do-chão do lado esquerdo, também lá estava, do lado direito, a Conservatória do Registo Predial; e, o primeiro andar, era todo ocupado pela agência do Banco de Portugal, que tinha a sua casa-forte nos rés-do-chão, ao fundo, e para onde havia acesso por uma escada interior, privativa daquele Banco.

Era nesta casa-forte que estava

Continua na página 3

Deixou este Mundo o "APÓSTOLO DA PAZ"

O Director da Sala de Imprensa do Vaticano, Franco Pastorali, anunciou, no pretérito domingo, 6: «Com profunda emoção e angústia, tenho a informar que o Papa Paulo VI morreu às 21.40 horas». O falecimento do Sumo Pontífice verificou-se pouco depois de divulgado o ataque cardíaco que o acometera quando repousava, dum acesso de artrite, no seu palácio de Verão, em Castel Gandolfo.

O Mundo ficou consternado com a funesta ocorrência — e os católicos de todo o Mundo logo se sentiram enlutados pelo passamento terreno do seu supremo Pai espiritual.

Também no nosso País — como em tantos — foi decretado luto nacional; também em Aveiro as bandeiras desceram a meia-adriça nos edifícios públicos.

HOJE, COM INICIO ÀS 18.30 HORAS, SERÃO CELEBRADAS, NA SÉ AVEIRENSE, SOLENES EXÉQUIAS POR ALMA DO PAPA PAULO VI

O Litoral vai confiar a autorizada pena a evocação do grande vulto da Igreja, trazendo oportunamente às suas colunas a biografia do Homem que, para além das convicções de cada um, foi, incontestavelmente, um gigante contemporâneo, com evidenciável registo na História de todos os tempos.

NAS PÁGINAS INTERIORES

AOS PORTUGUESES QUE TRABALHAM NO ESTRANGEIRO:

EDIFÍCIOS NOVAGAIA, S. A. R. L.

- *Presta todas as informações sobre os empreendimentos que tem em curso, ou iá terminados, no Porto (Boavista e Foz), em Vila Nova de Gaia, em Matosinhos e em outras regiões do País.*
- *Tem à disposição dos seus Clientes habitações de vários tipos, estabelecimentos comerciais e escritórios.*
- *Na volta do correio ou pessoalmente, satisfaz os pedidos de informações sobre aspectos fiscais, condições de crédito à habitação para emigrantes e o mais que se prende com a legislação nacional no sector.*

EDIFICIOS NOVAGAIA, S. A. R. L.

- *É uma empresa de desenvolvimento imobiliário e construtora.*
- *Com um capital social elevado em 1977 para 35.000 contos.*
- *Tem uma administração constituida por técnicos e servida por uma equipa de arquitectos, engenheiros, economistas e juristas, escolhidos pela sua comprovada competência e responsabilidade profissionais.*
- *A fiscalização da sua contabilidade está a cargo da firma de auditores Turquands Barton Mayhew & Co.*
- *Trabalha com o Banco Português do Atlântico.*

Visite-nos! Contacte-nos pelo correio ou pessoalmente, ou através do seu procurador em Portugal, na *Rua de Azevedo Coutinho, 39-5.º Dt.º—Porto*

EM QUALQUER ÉPOCA

GALERIA

ICONE

de Mário Mateus

Faça as suas compras na Rua do Gravito, 51 — AVEIRO

(em frente à Rua Dr. Alberto Soares Machado)

Casa especializada em:

BIBELOS
PEÇAS DECORATIVAS
ARRANJOS FLORAIS
MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES
PAPÉIS
ALCATIFAS
LACAGENS
DOURAMENTOS
FABRICAÇÃO DE MOLDURAS

Visite-nos e aprecie onde a qualidade anda a par com o bom gosto

Reparações • Acessórios
RÁDIOS - TELEVISORES

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas
e aos melhores preços
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 232-B

Telef. 22359

AVEIRO

A. FARIA GOMES

MÉDICO - ESPECIALISTA

ESTOMATOLOGIA
CIRURGIA ORAL
e REABILITAÇÃO

Consulta todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada.

R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3-3.º E. — Telef. 27329

DAR SANGUE
É UM DEVER

J. RODRIGUES PÓVOA

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina

DOENÇAS
DO CORAÇÃO E VASOS
RAIOS X
ELECTROCARDIOLOGIA
METABOLISMO BASAL

No consultório — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 - 1.º Dto.
Telefone 23375
A partir das 13 horas com hora marcada
Resid. — Rua Mário Sacramento, 106-8.º — Telefone 22750

EM ÍLHAVO
no Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas
Em Estarreja - No Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas

VENDE-SE

Em AVEIRO:
Um andar com 2 quartos, sala comum, cozinha, casa de banho e despensa no 3.º andar de um prédio acabado de construir.
Trata a PREDIAL AVEIRENSE
Av. Dr. L. Peixinho, 97,-1.º — Tel. 22383/4 — AVEIRO

URBIS

GABINETE TÉCNICO

ESTUDOS E PROJECTOS DE CONSTRUÇÃO CIVIL

AVEIRO — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 203-A - 1.º

Telef. 24797

VAGOS — Rua Porto Gonçalo

OFICINA DE PINTURA

DE

FRIGORÍFICOS
MÁQUINAS DE LAVAR
etc.

em Mataduços

Telefone n.º 27814

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— garantia de qualidade e bom gosto —

CERÂMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL

Apartado 13 - AVEIRO - PORTUGAL - Tel. 22061/3

Reclangol

Reclamos Luminosos — Néon-Plástico — Iluminações Fluorescentes a cátodo frio — Difusores

Rua Cónego Maio, 101
Apartado 409
S. BERNARDO - AVEIRO
Telefone 25023

HERNÂNI

tudo para

DESPORTO

Rua Pinto Basto, 11

Telef. 23595 — AVEIRO

VENDE-SE

Na praia da Barra: 3 casas em 600 m2, bom local, a 30 m da praia.

Trata: **«A PREDIAL AVEIRENSE»**
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 97-1.º
Telefones 22383/4 AVEIRO

DR. JORGE F. REIS

SARRAZOLA - CACIA - AVEIRO

MÉDICO
Clínica Geral

Electro Cardiogramas
Domicílios

Telefone 91228 ou 91238

Horário — parte da tarde nos dias úteis

Presente em Agosto

J. CÂNDIDO VAZ

MÉDICO - ESPECIALISTA

DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas às 2.as, 4.as e 6.as
a partir das 16 horas
(com hora marcada)

Avenida Dr. Lourenço Peixinho
81 - 1.º Esq. — Sala 3
AVEIRO
Telef. 24788
Residência — Telefone: 22856

Trespassa-se

Casa comercial situada em bom local da cidade. Ramo actual modas.
Resposta à Redacção, n.º 97.

SEISDEDOS MACHADO

ADVOGADO

Travessa do Governo Civil, 4.º-1.º-Esq.º

AVEIRO

JOAQUIM PEIXINHO

ADVOGADO

Trav. do Governo Civil, n.º 4-1.º Esq. — Sala 4

Telefone 25206

AVEIRO

ARRENDA-SE

Rés-do-chão para estabelecimento ou armazém, com área de 520 m², na Rua 1.º Visconde da Granja — AVEIRO
Tratar pelo telef. n.º 94172.

Vende-se em Aveiro

Uma vivenda, construção recente, cave e rés-do-chão com jardim e quintal, com piscina, nos arredores de Aveiro.

Num prédio de rés-do-chão e 1.º andar: O 1.º andar com 2 quartos — sala comum — cozinha — casa de banho — marquise, despensa.

Num prédio rés-do-chão e 1.º andar: — O 1.º andar com 4 quartos — 2 casas de banho —sala comum — hall — cozinha — despensa — 2 arrumações — um terraço.

Prédio r/c e 1.º andar: No r/c — estabelecimento comercial — No 1.º andar: 3 quartos — sala comum — casa de banho — cozinha e anexos.

Todos estes imóveis se encontram devolutos.

Trata: **A PREDIAL AVEIRENSE**

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 97-1.º
Telefones N.os 22383 — AVEIRO

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

colocado o cofre onde se guardavam os papéis de importância e o papel-moeda, isto é, as notas de cem mil réis, as únicas que eu me lembro de circularem, então, e que era muito dinheiro, para o tempo, pelo que poucas pessoas delas faziam uso.

Nessa casa-forte guardava o Banco não só o dinheiro das transacções efectuadas pelo mesmo, como, também, o que lhe era remetido pelas tesourarias do Distrito, como caixa que era, e é, do Estado.

Havia, pois, na casa-forte, permanentemente, muito dinheiro, para aquela época.

E, à minha memória, veio, também, uma história que me foi contada há muitos, muitos anos: — Um dia, quando, de manhã, os agentes do Banco foram abrir a porta para iniciar o trabalho, a fechadura, por qualquer circunstância, encravou, e não houve possibilidade de a abrir. De calcular é, pois, a atrapalhação que tal facto gerou, visto haver necessidade de dinheiro para se iniciarem as transacções e este se encontrar, todo, na casa-forte.

Foi um sarilho de mil diabos!

Um trolha — o Cagica — que, normalmente, fazia serviço naquele edifício, apercebeu-se da *enrascada* em que aquela gente estava metida e ofereceu-se para arranjar maneira de se poder entrar na casa-forte dentro de meia-hora, o máximo.

Aceite que foi a oferta, o Cagica, de picareta em punho, e dentro do tempo previsto, arrombou um pedaço da parede de casa-forte, que ele sabia ser feita de adobos) e, assim, permitiu que o pessoal do Banco de Portugal lá entrasse e resolvesse a situação difícil em que se encontrava.

Que grande segurança que oferecia a casa-forte onde se guardava tanto dinheiro!...

Aliás, isso não é de estranhar (a falta de segurança) se soubermos que, quando havia necessidade de fazer transferências para a filial do Banco de Portugal no Porto, o dinheiro era ensacado em sacos de lona e, em carro de cavalos, no qual seguia um funcionário daquele Banco, era transportado à estação do Caminho de Ferro e colocado num compartimento reservado de um qualquer vagão de passageiros do comboio rápido, compartimento que era fechado e no qual viajava, a acompanhar o dinheiro, um empregado superior daquele Banco, sem qualquer outra guarda.

No Porto lá estava outro carro de cavalos para levar a «mercadoria» aos cofres da referida filial.

E, que eu saiba, nunca houve impecilho que evitasse que o dinheiro saído de Aveiro desse entrada no local aonde se destinava.

Como os tempos mudaram!...

Os sacos continham, não só notas, como, também, moedas correntes: de prata (de dez e cinco tostões); de níquel (de dois tostões e tostão); e de cobre (de vinte, dez e cinco réis).

E, a propósito de moedas, ainda me lembro de aparecerem, no mercado, muitas libras de ouro que, para serem trocadas por moeda corrente, tinham de pagar ágio, isto é, em vez de serem pagas por 4500 réis, o eram, no melhor dos casos, por 4480 réis, isto é, pagavam um vintém de ágio; este, porém, subia conforme a necessidade da troca, chegando a ser de cinco tostões, ou seja: por uma libra de ouro, pagavam-se 4000 réis da nossa moeda, de então.

Volto a dizer: — Como os tempos mudaram!...

Mas... vamos continuar com o que aquela associação de ideias, me trouxe à memória.

Em tempo

Já depois de escrito o que, antes, se diz quanto às transferências de dinheiro, tive oportunidade de conversar com um amigo da velha guarda, a quem muito prezo, que me contou o seguinte episódio que se passou com ele e que, não se referindo a Aveiro, não resisto a contá-lo, por me parecer interessante.

— Em Novembro de 1928, recebeu a Agência do Banco de Portugal, em Leiria, onde ele, então, estava empregado, ordem para transferir para Lisboa a quantia de 18 000 contos, importância que devia seguir num comboio que, na estação de Leiria, passava por volta das seis horas da manhã.

(Dezoito mil contos ainda hoje, é muito dinheiro ;mas, naquele tempo...)

O dinheiro a transferir, todo em notas, foi colocado em sacos de linhagem e, no dia aprazado para a transferência, compareceu, naquela Agência, pelas 5 horas, um cocheiro com o respectivo carro de mulas, e foi a esse colcheiro quem, da casa-forte, transportou para o carro os sacos com o dinheiro, operação a que assistiram, somente, aquele meu amigo e um dos agentes daquele Banco.

Foram estes, também, e unicamente, que acompanharam todo aquele dinheiro até ao seu destino, quer no percurso do carro de mulas até a estação do Caminho de Ferro (esta fica a cerca de 4 quilómetros da cidade por estrada, naquele tempo, e àquela hora, sem movimento)quer, também, no comboio, até à estação de Alcântara-Terra (para onde os sacos foram despachados) e, daqui, para a sede do Banco de Portugal.

Os sacos foram descarregados para a gare da estação de Leiria, pelo cocheiro,e daqui para o compartimento que no comboio vinha reservado para o efeito, pelos carregadores da estação, como qualquer outra mercadoria.

Em Lisboa, as operações foram feitas em sentido inverso: do comboio para a gare, pelo pessoal da C.P.; daqui para o carro de cavalos que o levou ao seu destino, pelo cocheiro desse carro, e, sempre, e somente, sob a vigilância daqueles dois funcionários.

Quando os sacos estavam na estação de Leiria, houve um rapazito que, conhecendoos empregados do Banco, desconfiou da espécie de mercadoria que aquele monte de sacos continha, e foi apalpá-los, exclamando alto e bom som:

— Ih! Dinheiro!... tanto dinheiro!...

Na vida, o que nos reserva o destino?

Sabe-se lá?!...

Este meu amigo que, há 50 anos, não teve qualquer problema ao fazer a transferência de 18 000 contos, e nas condições atrás descritas, assistiu, sob a ameaça de armas de fogo, ao assalto ao Banco de que era agente e viu retirar, das caixas em serviço, todo o dinheiro que lá estava, e, da casa-forte, uma enorme quantdade de notas novas cujas séries ainda não estavam em circulação.

E, viu mais: — que o chefe do grupo que fez tal assalto, depois do 25 de Abril foi solto e colocado como funcionário de categoria em certo Ministério Governamental...

Como tudo está mudado!...

J. E. de C.

Dois inolvidáveis concertos de GUILHERMINA SUGGIA

Continuação da 1.ª página

tido tradicional e paradigmático, que meio mundo possui sobejos motivos para qualificar na sua simpatia, — por um largo conjunto de predicados de cidadania de bom apuro, por uma nata propensão à benevolência afectiva para o semelhante. E para ele em geral, mas com mais prestadia, acaso com mais decantado quilate, por algum «quidam», como o rabiscador destas mal cerzidas regras, que inclua nalguma roda de preferidos —; esse conquistador de simpatias soma às qualidades de aprumo e generosidade as de um aveirismo devotado, discreto e militante. Um sentimento de amor à sua terra, com raízes medulares fundas e firmes, e sãs, de octogenária penetração individual, e como ramo de boa cepa e seiva, de um tronco já de traz nela desabrolhado e fixado.

E lembra, e guarda lembranças, esse já antigo e prezado amigo Alberto Casimiro. Guarda-as e faculta-as e estimula-lhes a exumação. Aviventa, assim recordações, abafadas na sobreposição de muitas que posteriores sedimentações relegaram à quietude imobilizante do olvido.

* * *

Desta feita, surdiu-me com documentos, para um homem como eu, com predilecções muito pronunciadas e absorventes, por velhos papéis de arquivos despertadores de um prazer quase alvoroçado, dos dois inesquecíveis concertos com que a insigne Guilhermina Suggia, a quem cabe um dos primeiríssimos postos na fiada, reduzida aliás, dos concertistas portugueses de projecção internacional, extasiou os melómanos aveirenses.

E por essa via, e ao impulso desse concreto, e desencadeador impulso me despertou reminiscências, digamos, memorialísticas, de ambas as inesquecíveis visitas a Aveiro da mais expressiva, impressionante e dominadora violoncelista que os aveirenses tiveram alguma vez o privilégio de enlevadamente apreciar. E referido o facto sem dar, como afoitamente poderia proceder, maior generalização ao nível excepcional dos seus méritos, rarissimamente alcançados por quem quer que seja, atribuindo-lhe o artigo masculinizado, que o caso requeria.

Diria o maior «virtuose», e o mias empolgante ou enlevador e comunicativo intérprete desse tão maleavelmente versátil instrumento — em, como as suas, mãos eleitas — que nesta Aveiro, em acentuada descaracterização — uma terra, cujo elemento mais influente é uma luz de mil gamas e intensidades tão afins da música, e que teve certo direito a ufanar-se, dentro das ensanchas que pode reclamar das suas proporções modestas, de um gosto pela música evidente. Do qual porventura blasonava com exagero — com empolamento para utilizar um termo com crédito actual — mas que constituiu uma realidade patente.

Ocorre-me, ao deixar correr a pena ao sabor das recordações, que por Suggia demonstrava um apreço singular outro notável violoncelista que tivemos a felicidade — num período único dos anais musicológicos aveirenses — de escutar, para não mais esquecer. Reporto-me ao tão sensivelmente requintado, tão distinto, culto e aliciante artista, conversador com quase tamanhos encantos como tinha de concertista de excepção, e também inesquecível, Pierre Fournier.

Pela nossa egrégia compatriota alicerçava uma admiração profunda e entusiástica, pelos dotes artísticos quase inacessíveis na sua magnitude e pela capacidade técnica quase insusceptível de superação, no mais minucioso e surpreendente conhecimento biográfico. Tudo, no mais ínfimo pormenor do currículo de Suggia, ou da sua existência **privada, retinha na** memória imediata e fluentemente transmitia. Tudo, por mais insignificante, interessava a esse «oficial do mesmo ofício» que não conhecia vislumbre de inveja por quem reputava acima da sua própria craveira esforçadamente atingida, e deixava antes transluzir, larga e límpida, uma veneração fidelíssima por alguem que considerava como um ambicionado agente paradigmático.

* * *

Acudam embora diversas lembranças conotadas com o tema, mas marginais — «retournons à nos moutons». Volvamos ao assunto determinante destas linhas, quanto possível expurgado de acessórios que não submirjam o essencial nas linhas evocativas que consagre às duas inolvidáveis audições — de que tenho presentes os programas. E autografados pela famosa artista nossa compatriota, e nosso orgulho, já que dela se escreveu em resenhas biográficas suas, redigidas em inglês, que «a Grã-Bretanha a acolheu, aclamando-a como o maior (o e não a) violoncelista do mundo, a par de Casals» — a quem, como sobejamente se sabe, esteve estreitamente ligada.

O primiro desses concertos — e por esse dobrado motivo inscrito nos anais artísticos aveirenses — inaugurou exactamente essa alfobre sem continuidade das mais notáveis noites de arte que foi a dellegacção do Círculo de Cultura Musical. E, lembre-se, nesse fasto memorável, verificado a 10 de Abril de 1946, Guilhermina Suggia, que o acontecimento inapagavelmente liga a Aveiro, teve como acompanhadora a pianista, professora e musicógrafa Berta Alves de Sousa, viva ainda para satisfação de quantos a admiram e estimam e que então radicou perduradouras simpatias aveirenses.

Fez perseverante empenho esse outro tão prestadio e estimado aveirense que é Carlos Aleluia — que com Henrique Lemos, lançou, orien-

Continua na página 6

PORQUÊ AVEIRO?

Continuação da 1.ª página

mẽte ayda que cõstrangido lho outorgou por ser tã longe e desviado para amiude a poder veer Como desejava ...»

Já a atitude do «Príncipe Perfeito» e dos outros elementos do séquito real foi diferente: — «Como ho souberõ ho princepe seu Irmaão e sua tya E os outros Senhores cõ grãde ypeto e desprazer. trabalhavã por ẽbargar a Ida sua a tal lugar. parecẽdo lhe mũy pequeno e desprezyl. e ẽ hedificios pobre e pouco sũptuoso pera tal princesa aver de entrar nẽ star hũm soo dia». Pobreza de construção, pobreza de terra — «lugar que mais pareciia Islla de desterro que vylla». É ainda Margarida Pinheira que comenta: «Em aquelle tẽpo era esta vylla muy prove e desapoboada de gente e moradas».

E foi a esta «Islla de desterro» que D. Joana chegou a 30 de Julho de 1472. Para a Infanta, Aveiro foi sempre a sua «Lysboa pequena» — apesar das pestes epidémicas que a obrigaram a sair do seu convento por algumas vezes; apesar da pobreza da sua gente simples e do desconforto do seu novo lar. Não seria esse o ideal da sua vida: — apagar-se entre as coisas apagadas? ...

Mas D. Joana não veio encontrar só desconhecidos em Aveiro. No «moesteyro de Jhesu» tomara hábito, pouco tempo antes, D. Leonor de Meseses, filha única dos condes de Viana e parente chegada dos reis de Castela e de Portugal. Além de parentes, o desejo místico da vida religiosa aproximara as duas jovens, tornando-as amigas e confidentes. D. Leonor, a quem a morte do pai, em Alcácer-Ceguer, libertara os movimentos, decide vir conhecer o pequeno convento dominicano e dar o seu parecer à Infanta, sua prima. E foi através dessa correspondência que se fortaleceu a vontade de D. Joana em vir para Aveiro. Além do mais, a fundadora de Jesus não era uma desconhecida para a Infanta; na verdade havia um elo de afectividade entre D. Joana e D. Brites Leitão, ligação antiga e familiar, dos paços dos duques de Coimbra, avós maternos da Infanta.

Quem era, então, D. Brites? ...

Eis a sua apresentação, feita através da «Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus», de Aveiro. «Seendo a mũy virtuosa Senhora brityz leytoa de nobre geraçã e parentes. e por faliçimẽto de seus padre e madre orffaã ẽ pequena hydade andando en casa da muyto excelẽte Senhora. a Senhora Iffante dona ysabell molher do mũy preclarissimo prĩcepe e Senhor. ho iffante dom pedro Regente este Regno de portugual. hos quaaes Senhores tiinhã spiçial cura e caRego da dita minina por algũus Respeytos. fooe constrangida per esses e per seus dela parentes. cõ afaagos e ameaças para aver de casar cõ hũ nobre fidalgo e mũy assignado Cavaleyro criado do dicto Senhor Iffante dõ pedro ho qual fidalgo avia nome diogo datayde ...»

D. Diogo de Ataíde, da casa de Atouguia, era um dos homens de confiança do duque de Coimbra e senhor de Aveiro, o Infante Dom Pedro, pai da rainha D. Isabel, mulher de Afonso V e, portanto,avô da Santa Princesa. Sabe-se que desempenhava o papel de guarda-mor da Casa da duquesa de Coimbra e que mais tarde, após a tragédia de Alfarrobeira (1449), em que D. Pedro perdeu a vida, «a Raynha dona Isabel filha do dicto Iffante dõ pedro e molher del Rey dõ Afonso ho V° mandou ao sobredito diogo datayde stevesse de cõtinuo por guarda da dicta Iffante sua madre. ho que assy ffez muito enteyramẽte atee ho faliçimẽto da dita Senhora Iffante dona isabel». Ocorreu este facto em 1455, e logo depois, «desejando anbos estes Senhores starẽ fora de frasoes de corte. vierõ sse cõ toda sua Casa a hũa sua quĩtaã que cõprarã a que chamavã ouca».

Aqui viveram cerca de cinco anos, até que se declarou uma grande peste em todo o reino,o que levou D. Diogo a sair da quinta de Ouca com toda a sua família e criados, e ir para os arredores de Leiria, onde também tinha propriedades. Não consegui encontrar a situação da quinta de Ouca, só sabendo que ficava perto de Aveiro; mas como estes Senhores possuíam bens em Vale Maior, S. João de Loure e em Fermelã, possivelmente a referida quinta situar-se-ia acima do Vouga. Seria uma boa propriedade e perto da estrada, já que uma das doações do testamento de D. Diogo se refere à sua «terça» para a construção de um hospital para peregrinos na quinta de Ouca.

A peste surpreendeu o fidalgo em Leiria, onde se refugiara, e ali faleceu, bem como um filho de três anos. Ficou a viúva com duas filhas de 6 e 5 anos, Catarina e Maria, e depois de uma estada em Santarém, de visita a D. Afonso V e a D. Isabel — que lhe sugerem novos casamentos, uma vez que é nova e bonita, — regressa com as filhas a Ouca, com a disposição de se fechar em casa e fugir do mundo cortesão, de que faz parte por títulos e riquezas. Pensa em dar corpo à ideia do marido e construir o hospital mencionado; mas constantemente importunada por parentes e pretendentes — e já não só para a sua mão, mas também para sua filha Catarina —, escreve ao provincial dos dominicanos do convento de Nossa Senhora da Misericórdia, de Aveiro, pedindo-lhe que a vá visitar e aconselhar. Surge, deste modo, a ideia da fundação de um recolhimento, onde possa viver longe do mundo, que detesta sobremaneira e, certamente, com fundamento. Basta saber a amizade profunda quea ligava aos duques de Coimbra, e toda a intriga palaciana a que assistira, e que culminou com o martírio

Continua na página 6

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	AVEIRENSE
Sábado	AVENIDA
Domingo	SAÚDE
Segunda	OUDINOT
Terça	NETO
Quarta	MOURA
Quinta	CENTRAL

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

CERCA DE TRÊS MIL ESCUTEIROS NO ACAMPAMENTO INTERNACIONAL

Na tarde do passado domingo, com a presença do venerando Bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade, do representante do Instituto Superior Militar, Tenente-Coronel Lobão da Cruz, e de outras entidades, foi inaugurado, nas Matas da Colónia Agrícola da Gafanha, o XV Acampamento Nacional e VII Jamboree Internacional de Escuteiros — como aqui oportunamente anunciámos.

Estão presentes cerca de três mil jovens escuteiros de todos os pontos do País, incluindo os das Ilhas e, ainda, representações dos Estados Unidos da América, França, Espanha e Finlândia.

Esta confraternização escutista termina na tarde do próximo domingo, depois de toda aquela juventude se ter dedicado às mais diversas actividades tanto nos locais de acampamento como fora dele, incluindo, além do mais, visitas de estudo a unidades fabris, com levantamentos sociais e prospecções culturais, com base em elementos citadinos.

PINTURAS NOS PAVIMENTOS DA CIDADE

Andam brigadas de pessoal dos Serviços Camarários a renovar as pinturas dos pavimentos da cidade — medida, na realidade, muito de aplaudir, tanto mais que as «zebras» já mal se divizavam.

Tem havido apenas um senão nesses serviços, que se têm efectuado de noite, portanto a horas em que não se afecta o trânsito intensíssimo nesta altura do ano. Referimo-nos ao facto de, um ou dois dias depois essas marcações no pavimento, desaparecem com facilidade, pormenor que aqueles Serviços irão rever com urgência pois, caso contrário, lá se vai por água abaixo toda a sua boa vontade e sacrifício, e até a intenção de tornar a cidade mais moderna no que respeita a disciplina de trânsito.

CERCIAV
UM novo Pavilhão

Por cerca de oitocentos contos, foi adquirido um Pavilhão pré-fabricado que se destina a ampliar a capacidade de recolha de crianças que, na CERCIAV, procuram a recuperação adequada para serem lançadas na sociedade, a que têm todo o direito de pertencer, mas onde, até agora, infelizmente, não têm assim sido contempladas.

Esse Pavilhão, para o qual a Fundação Gulbenkian deu um donativo de cerca de 450 contos, assim como o terreno onde o mesmo está implantado, servirá de ginásio, de refeitório e, também, de sala para a classe infantil.

As instalações daquela benemérita instituição, recuperadora de crianças inadaptadas, são, na realidade, muito exíguas, tendo apenas capacidade para alojar cerca de 70 crianças, quando as inscrições ultrapassam mais de cento e cinquenta.

Há toda a esperança de que o Município venha a resolver o grave problema com a implantação de um edifício nos terrenos de Santiago ou nos locais a Poente da Avenida de 25 de Abril.

Registe-se, ainda, que já entraram em funcionamento duas carrinhas, que custaram cerca de novecentos contos e para as quais também a Gulbenkian contribuiu com um subsídio de cento e cinquenta mil escudos. Elas eram imprescindíveis para o esquema montado, visto que há crianças carecidas, das zonas de Aveiro, Estarreja, Vagos, Ílhavo, Palhaça e Gafanhas.

CHEGOU MAIS BACALHAU

Deram entrada na nossa barra os arrastões «Adélia Maria» e «Santa Joana» que trazem a bordo cerca de duas mil toneladas de bacalhau salgado e ainda razoável quantidade de peixe congelado.

O porto da Gafanha encontra-se neste momento replecto de navios e arrastões bacalhoeiros. Quase toda a frota — a maior do País — está ali ancorada, esperando-se que no decorrer deste mês de Agosto mais uma dezena de barcos demandem o porto aveirense com carregamentos do (in)fiel amigo.

ROUBOS NA CIDADE ESTÃO A ATINGIR FOROS DE PÂNICO

Evidentemente que não pode estar um guarda da PSP junto de cada carro ou da porta de cada casa da cidade. Esta a grande verdade. E isto, mesmo sem nos armarmos em procuradores da PSP, para acalmar espíritos mais exaltados contra a acção daquela polícia. Todos nós temos de colaborar para que a onda inquietante de roubos não se verifique em tão grande escala.

São os interiores dos automóveis os locais preferidos, ultimamente, pela gatunagem. E compreende-se porquê. Muitos dos seus proprietários, descuidando as mais elementares regras de segurança, deixam nos interiores dos carros ou peças de roupa, ou estojos com máquinas fotográficas ou ainda aparelhos de som. Tudo isso é um convite à gatunagem.

Um exemplo. Um dia destes na Forca um carro, com a matrícula francesa, chamou a nossa atenção pelo seu bonito aspecto. A janela do lado do condutor estava aberta e a curiosidade de vermos todos aqueles espectaculares mostradores obrigou-nos a enfiar a cabeça por ali dentro. E imaginem. Num dos bancos da frente estava uma maleta de mão com notas de banco a sairem lá de dentro. Tivemos o cuidado de chamar o proprietário do veículo e dizer-lhe abertamente que ele estava a convidar os gatunos. Como também o já tínhamos feito uns dias antes no Hotel Imperial quando um casal de estrangeiros não deixou mais valores nos bancos porque não cabiam. E depois lá vem o roubo, lá vem a queixa à PSP, lá vem o menos reflectido cidadão dizer isto e aquilo contra a polícia.

Em 7 do Corrente, foi-nos entregue, por Manuel Fernandes Rodrigues, com o pedido de publicação e sob sua responsabilidade, a carta que a seguir transcrevemos, da qual ele é um dos signatários.

Exmo. Senhor
Director do Semanário «LITORAL»
AVEIRO

Os alunos do «Desporto para todos» abaixo assinados vêm encarecidamente solicitar a V. Ex.ª a publicação deste artigo, tido por nós como uma resposta à carta dos 5 elementos do Corpo Técnico da D.G.D. em Aveiro, publicada no Jornal que V.Ex.ª dirige e c/ o título «Em apoio do Delegado em Aveiro da D.G.D.».

Porque fomos ignorados aquando dos despedimentos dos nossos 6 Monitores de natação; porque nos privaram dessa prática desportiva sem que nos tenha sido dada qualquer justificação; porque nos prometeram que, despedidos os Monitores, a piscina continuaria aberta tal não acontecendo; porque achamos injusta, ilegal e desprovida de qualquer fundamento a decisão de despedir os 6 Monitores; por tudo isso e por outras coisas, estranho seria se nos mantivéssemos quietos e calados.

Desde a primeira hora mostramos que não estamos dispostos a consentir tais arbitrariedades e queremos deixar aqui bem claros os objectivos da nossa luta, pelos quais nos bateremos organizados e com denodo: Exigimos a continuação da natação, à hora habitual e com os mesmos Monitores.

Esta nossa carta é o sentir de largas centenas de pessoas dos diversos grupos etários e das mais diversas camadas sociais.

A nossa posição é bem diferente da dos subscritores da carta em questão. Nela mostram uma completa subserviência ao Delegado da D.G.D., o Senhor Severino, subserviência essa que só ao enunciarmos meia dúzia de factos ficaremos claramente elucidados quanto aos seus objectivos. Além de que tal carta podia muito bem ser assinada pelo Senhor Severino.

Mas vejamos as razões que levaram tão pusilâmines personagens a tomar o partido do Senhor Severino:

1) A Senhora Maria Helena Vidinha Trindade está a tirar um curso do ISEF, no Porto, sendo simultaneamente Coordenadora da DGD! O mesmo se passa com o filho do infortunado Sr. Severino que estuda medicina em Coimbra e ganha como Monitor de Vela em Aveiro. Curioso dom da ubiquidade tem esta gente!

2) A Senhora Albertina Silva, com o pé partido, continuou a receber o salário por inteiro enquanto o trabalho lhe é feito por outros monitores, entre os quais o Treinador Nacional de Badmington. E o Sr. Severino, vai daí, desata elogios e mais elogios para com a Sr.ª subscritora.

3) E o Sr. Pintassilgo — ah!, qualquer dia cortamos-lhe as asas — o tal que nos viria a dar natação e nunca mais lá pôs os pés?!... Ele e a senhora (também monitora) recebem 20.800$00, mais cerca de uma dezena de notas de mil dum «tachozito» que o Sr. Severino parece ter-lhes arranjado no Sporting de Aveiro e mais a coisa pouca de uns cinco contitos como treinador de Andebol no Beira-Mar! Que formidável sub-emprego!

4) Os outros elementos técnicos, ao contrário do sr. Pintassilgo, são professores de Educação Física e os seus salários rondam a dúzia e meia de contos (mais do que o triplo do salário mínimo nacional).

5) E quanto vale o bolo mensal do Sr. Severino, o fleumático Delegado? Ou por outra: os bolos, já que as deslocações, ajudas de custo e outras alcavalas fazem, por certo, outro salário?

E já agora quanto ganham os Monitores de Natação? Nada mais nada menos do que a «desestabilizadora» mensalidade de 5.000$00 por 22 horas de trabalho semanal, não lhes sendo pagas as horas de trabalho em convívios e festivais, e não sendo, ainda por cima, considerados como trabalhadores, o que acarreta como consequências a ausência de regalias sociais, do direito a férias e subsídio de férias e ao 13.º mês, do direito à Assistência Médica e Medicamentosa, Seguro por Acidente de Trabalho, etc. Os Monitores de Natação foram «dispensados» sem que lhes tivessem dito o porquê e só por pedirem que o seu trabalho fosse considerado como tal. É de salientar a ilegalidade da decisão, pois o Contrato que vincula ambas as partes termina apenas no último dia deste ano.

Existem mais de 200 elementos ligados à Educação Física. Constou-nos que a carta a que nos vimos referindo foi posta a circular entre eles para que a assinassem, sendo por fim *subscrita por estas 5 pessoas*. Significativo apoio, sr. Delegado! E dizemos senhor e não doutor ou engenheiro como por vezes lhe chamam (até alguns jornais o fazem) pois o senhor Severino possui menos habilitações que muitos de nós, cabendo-lhe o diploma do 7.º ano liceal. Recomendamos-lhe que reflicta na fábula da rã que queria ser boi: rebentou com a mania das grandezas!

Além de que os Coordenadores não tão-somente aqueles os subscritores da louvaminha dizem, isto é, eles próprios e um outro Coordenador ausente no estrangeiro: que dizer, por exemplo, da Coordenadora de basquete Maria José Alves que não assinou a «ladaínha»? Não tem existência real? Ou o que é real é a inexistência de apoio do severo sr. Severino? Ou o que é verdadeiro é a existência de grandes interesses em escassas pessoas para manter intactas onde bebem, do erário, a sua alargada «migalha»? Disse o Padre António Vieira: «os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comessem os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande».

E falam esses senhores de que existe uma «nítida campanha contra» o senhor Severino, movida por «conhecidos» elementos em virtude de «inconfessadas ambições pessoais». Por favor, depois do que afirmamos, não nos façam rir com essa! E se pusessemos os termos assim: existe uma mini-campanha a favor do delegado movida por menos de meia dúzia de «gatos pingados» que vêem nele o veículo que faz escorrer o maná para os respectivos bolsos? Por esse caminho qualquer dia mandam erguer uma estátua em sua homenagem.

Ao longo de meses de convivência com os monitores que nos ensinaram a nadar forjamos uma forte amizade que faz com que não possamos deixar de nos solidarizar com eles e com a luta que vêm travando. Por outro lado queremos perguntar ao sr. Severino: que é feito das promessas acerca de uma tal sessão filmada sobre o Desporto para Todos? E de umas anunciadas medalhas referentes aos compeonatos de Xadrez? Será que a população lhe não merece respeito?

Agradecemos a V. Ex.ª a publicação desta carta de resposta e aqui deixamos os nossos respeitosos cumprimentos.

Aveiro, 28 de Julho de 1978.

a) *Manuel Fernando Ferreira Rodrigues*

(Seguem-se mais 99 assinaturas)

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 11 — às 21.30 horas — OS DOIS MISSIONÁRIOS — Para maiores de 10 anos.

Sábado, 12 — às 15.30 e 21.30 horas; e Domingo, 13 — às 15.30 e 21.30 horas — MARY POPPINS — Para todos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 11 — às 21.30 horas — TEXAS ADEUS — Interdito a menores de 13 anos.

Sábado, 12 — às 15.30 e 21.30 horas; Domingo, 13 — às 15.30 e 21.30 horas; e Segunda-feira, 14 — às 21.30 horas — ROCKY — Não aconselhável a menores de 18 anos.

DAR SANGUE É UM DEVER

Jorge Edgar Maia Marques

(ex-Mecânico da Auto-Sueca-Aveiro)

Missa do 1.º Aniversário

A Esposa, Filhos e restante Família mandam celebrar missa de sufrágio do seu saudoso parente, no dia 14 do corrente mês de Agosto, às 19 horas, na paróquia da Vera-Cruz, agradecendo a quantos se dignarem assistir ao piedoso acto.

FESTA DA RIA

De 15 a 26 do corrente, será levada a efeito mais uma edição da FESTA DA RIA — uma das muitas e muito válidas iniciativas da Comissão Municipal de Turismo de Aveiro, desta vez com a valiosa colaboração das Juntas de Turismo do Furadouro e da Torreira, da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, da Capitania do Porto de Aveiro, da Associação Comercial de Aveiro e do Clube dos Galitos.

De notar que, coincidentemente, pelo menos em dois dias, com o magno empreendimento, se patenteia ao público, desde 5 do mês em curso e até 16, na Praça da República, uma interessantíssima «Exposição Itinerante de Marinha» digna dos maiores encómios, não só pelo seu perfeito ordenamento, mas, essencialmnete, pelos válidos ensinamentos que proporciona.

Na próxima terça-feira, 15, no Canal da Torreira, assistir-se-á às Regatas «Ria de Aveiro», provas de remo compreendendo as modalidades de Yolle de 4 (Juvenis), Shell de 2 s/ timoneiro (Juniores) e Shell de 2 c/ timoneiro (Juniores), Shell de 4 c/ timoneiro (Juniores) e Shell de 4 c/ timoneiro (Seniores); no dia 19, será o «XVII Cruzeiro da Ria», competição de Vela, com largada, do Areinho, às 12 horas e chegada prevista, a Aveiro, às 15; no mesmo dia realizar-se-á a «Regata de Moliceiros e Mercantéis Torreira-Aveiro», com concentração, às 12 h., dos barcos concorrentes e largada às 13.30 h., prevendo-se a chegada à meta (na Lota de Aveiro) pelas 15.30 horas, seguindo-se a distribuição de prémios; no dia 20, domingo, e em prosseguimento da aludida competição de Vela, «XVII Cruzeiro da Ria», a largada será às 13 h., de S. Jacinto, com seu termo na Ponte da Varela — e, no Canal das Pirâmides, na cidade, terão lugar corridas de moliceiros, mercantéis, bateiras e caçadeiras (provas masculinas e femininas, à vara, à cirga, a remos e à pá) com início às 15.30 h. — e, após o desfile dos barcos concorrentes e «Concurso de Painéis de Barcos Moliceiros» (pelas 17 h.), proceder-se-á à distribuição de prémios aos concorrentes; no dia 26, realizar-se-á, na Av. do Dr. Lourenço Peixinho e no Canal Central, o «Festival de Folclore Regional», concentrando-se os grupos, pelas 20.45 h., no Largo da Estação, seguindo-se o defile pela Avenida e exibição no Canal Central. Serão também levadas a efeito exposições do «Traje Regional», em vários estabelecimentos comerciais de Aveiro e de Ovar, certame que, também culminará a Festa aqui programada.

A divulgação das referidas realizações tem sido feita com louvável profusão — designadamente através de um expressivo e magnífico cartaz da autoria de Jorge Trindade.

BOMBEIROS

Novo quartel dos «Novos»

Praticamente concluído o anteprojecto do novo quartel da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» («Bombeiros Novos», de Aveiro), espera-se que as obras possam iniciar-se já no próximo ano.

De acentuar que a localização será a do actual — e praticamente arruinado — edifício, localização essa que é, sem dúvida, a mais aconselhada, não só porque o Largo fronteiro oferece excelentes condições para a rápida saída das viaturas, mas ainda porque a grande maioria dos elementos da prestante Corporação vive nas imediações; e também é de acentuar que, no mesmo Largo, se implantou o grandioso monumento «Ao Bombeiro».

Helitransportes

Os Bombeiros do Distrito de Aveiro (BDA) vão propor às entidades superiores a adstrição de um helicóptero aos serviços de ataque a incêndios florestais, em navios, e ao transporte de feridos — segundo decião recentemente tomada em encontro na sede dos voluntários de Estarreja.

Voltaremos a trazer a estas colunas, com o merecido desenvolvimento, tão magno assunto, justificando, com inatacáveis razões, os imperativos do eperado deferimento à pretensão dos BDA — o que é, simultaneamente, desejo das vastas populações distritais; e só não o fazemos desde já porque a importância do tema obriga a longo relato, que a falta de espaço nos impede de inserir na presente edição.

PSD
Novos dirigentes distritais

Na tarde do penúltimo sábado, e no salão da Banda Amizade o Partido Social Democrata, em assembleia distrital, para além de outros importantes assuntos da respectiva agenda, procedeu à eleição do novos corpos directivos do Partido no Distrito de Aveiro.

Foi apresentada uma única lista. E o elenco ficou assim constituído: Comissão Política Distrital —Sebastião Dias Marques, Mário de Carvalho, Maria Antónia Pinho e Melo, Alcides da Silva, António dos Anjos, Manuel Cardoso e Jorge Leite, ficando ainda a fazer parte da Comissão um representante de cada concelho e dois elementos da JSD.

Para a Assembleia Distrital foram eleitos Dinis Sotto Mayor, Manuel Torres da Costa e José Valente de Almeida; o Conselho Jurisdicional passou a ser constituído por Francisco Pereira, Manuel Pereira, Gabriel Abrantes, Orlando Oliveira e Joaquim Moreira Vinhas.

Homenagem aos REMADORES DO «GALITOS»

Um grupo de aveirenses prestou justíssima homenagem aos remadores do Clube dos Galitos e ao seu prestigiado técnico.

O acto, que teve lugar em restaurante local, na última sexta-feira, merecer-nos-á merecida e desenvolvida referência.

Concluiram os seus cursos

● Na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, concluiu o curso de Filologia Germânica, em 18 de Julho transacto, a Dr.ª Isabel Maria Gonçalves de Almeida Vidal, esposa do sr. Artur Araújo Vidal e filha da sr.ª D. Maria Alice Gonçalves da Silva Almeida e do distinto advogado Dr. João de Almeida.

A nóvel licenciada conta, apenas, 21 anos de idade.

● Na Faculdade de Economia, também da Universidade do Porto, obteve, em 27 do mês findo, a sua licenciatura em Económicas e Financeiras o Dr. Vítor Manuel Pereira Abreu, filho da sr.ª D. Maria Alice Pereira Abreu e do nosso bom amigo e conhecido comerciante local António Nunes Abreu.

As felicitações do Litoral

Doentes

● Acometido de doença súbita, foi internado na Casa de Saúde da Vera-Cruz o distinto aveirense Comandante Manuel Branco Lopes.

● Também o conhecido artista Zé Penicheiro, nosso apreciado colaborador, esteve em tratamento no Hospital durante dez dias.

A ambos os enfermos, cujas melhoras, felizmente, se têm acentuado, desejamos rápido e completo restabelecimento.

QUANTOS MORTOS ATÉ AGORA NA VARIANTE?

Ao fim da noite de segunda-feira, mais um acidente mortal se registou na fatídica «Variante» da cidade.

Foi ali mesmo junto dos «Armazéns Marialva». Um carro, guiado por Arlindo Simões Caetano, de 25 anos, agricultor, residente em Requeixo, e levando como acompanhantes Armando Andias de Matos, comerciante, da Rua do Clube dos Galitos, e, ainda, dois marinheiros, Rogério Martins, de Valado do Sado, Alentejo, e Manuel Alves da Silva, de Caldas de Moledo, ambos a prestarem serviço na Base do Alfeite (mas integrados na «Exposição de Marinha» que está patente na Praça da República), veio a embater, em condições não esclarecidas, contra o ciclista Rodrigo Fernando de Sousa, de 67 anos de idade, residente na Patela e fundidor na firma Paula Dias & Filhos.

Levando o pobre ciclista de rojo durante várias dezenas de metros, o automóvel embateu, primeiro, numa árvore; voltou à estrada mas, ainda descontrolado, veio de novo a chocar com um pinheiro, onde se imobilizou, despedaçado, mas evitando, com isso, que se despenhasse numa ribanceira existente no local. O ciclista teve morte instantânea — e, dos ocupantes do automóvel, apenas o condutor e o Andias de Matos sofreram ligeiros ferimentos.

Tristemente e tragicamente, continua aquela «Variante» a ser palco de ocorrências deste género. Quantas vidas já ali se perderam? — Não terão conta, talvez... Mas... que medidas foram tomadas, até hoje, para que o tristíssimo rol de mortos e feridos se não continue, desgraçadamente, a verificar?!

Anuncia-se (disso demos notícia) que se pensa na iluminação dos perigosos cruzamentos — que poderá estender-se a mais alguns troços daquela movimentadíssima e importante rodovia citadina. A sua iluminação, quanto a nós, deve ser na totatlidade do percurso. Depois é de começar a pensar-se numa medida mais de fundo, mais consentânea com o tráfego que ali se regista e com as soluções técnicas que hoje são adoptadas para vias de comunicação daquele tipo: *passagens subterrâneas.*

Isto independentemente dos arranjos ou grandes obras que venham ali a ser implantadas por mor das entradas da cidade. Mas não podemos olvidar (seria um crime que continuará, ou continuaria, a pagar-se muito caro!) que a expansão populacional da cidade se fará para o lado Sul da «Variante». Não só pelos empreendimentos que estão já a ser levados a cabo, como ainda pelos que se anunciam e, também, que é para aquela zona que há terrenos onde as pessoas pensam albergar-se construindo ou arrendando a sua casa.

Outro pormenor importante, embora só possa resultar em parte: enquanto não sejam possíveis tais obras (passagens subterrâneas) não seria de deslocar para os cruzamentos do Eucalipto, de S. Bernardo, da Forca, de Esgueira e até de Tabueira, os semáforos que estão «decorativamente» implantados na Ponte-Praça e de que, qualquer dia, por este andar, só lá ficarão os pilares, pois, aos poucos, vão desaparecendo partes dos mesmos? Evidentemente que não é a nós a quem compete encontrar as soluções técnicas para obstar à mortandade que se verifica naquela «Variante». Mas compete-nos, isso sim, denunciar erros e apresentar soluções que nos pareçam razoáveis. E, quanto à mudança dos semáforos, sabemos que, desde há muito, em tal estão empenhados os tão prestantes Bombeiros das duas corporações citadinas.

Depois, há ainda o caso das motorizadas. É um pandemónio o que se verifica com muitos dos seus utentes. Dada a facilidade do ziguezague, do furar por aqui e por ali, com máquinas que já têm potência para fazer essas habilidades, os «motorizados» estão a constituir um terrível perigo no trânsito rodoviário. Há que fazer uma intensa campanha para que eles se capacitem de que têm que obedecer às regras de trânsito, como os demais cidadãos, e que não podem (nem devem) pôr a sua própria vida em perigo, quanto mais as dos outros com as suas, só para mostrar «habilidades» velocipédicas.

Portanto a «Variante» sugeriu-nos, pelas tragédias ali registadas, mais algumas achegas no que respeita ao trânsito e dificuldades do mesmo naquela rodovia. Agora os técnicos terão (vão mesmo fazê-lo?!) de se debruçar sobre o problema e não comentarem, apenas nos gabinetes, mais este ou aquele acidente mortal que ali se verificou e que os jornais trazem a público. Estamos certos, pelo que conhecemos das pessoas que nele superintendem, que o problema (ingente problema, diga-se) vai mesmo ser estudado em toda a sua dimensão e a «Variante da Morte», como ajustadamente lhe chamamos, nós, os Aveirenses, passará, com certeza, a apelidar-se de «Variante do Sossego» e — do escoamento rápido e seguro — do trânsito da cidade.

Que os Bombeiros, tantas vezes chamados a socorrer os feridos — e a transportar os mortos —, com a autoridade que lhes confere o seu exemplar voluntariado, EXIJAM a solução URGENTE que se impõe.

JOSÉ NAIA

Dois inolvidáveis concertos de

GUILHERMINA SUGGIA

Continuação da página 3

tou e manteve aquela instituição sem sucessor nem sucedâneo capaz e que como ao seu pertinaz companheiro de esforços e tarefas seria imperdoável não relevar neste ensejo — de que a abertura das actividades da nóvel delegação do Círculo pertencesse à egrégia artista nacional. A artista «cujo nome, lê-se igualmente em notas de louvor e realce que sobre a sua carreira inseriu um jornal inglês que testemunha os fulgores do seu talento e da sua prestigiosa irradiação — era glorificado nos grandes centros musicais» da Europa.

Persistiu na sua ideia, não obstante o cepticismo dos mentores da sede da organização, em Lisboa. Com os seus dons de simpatia pessoal, o seu tacto e diplomacia e o seu empenho aberto redobrou as capacidades de convencimento, e conseguiu que Suggia acedesse em vir ao «Aveirense», ligando, indestrutivelmente o seu nome aureolado — e quase como boa fada propiciadora — ao da delegação que se iniciava, tacteante, mas com alguns ambiciosos desejos. E anuiu, generosissimamente, por um «cachet», que já então na sua singela dezena de contos, se confinava à quarta parte, ou pouco mais, daquele que nos demais ensejos se pagava para ter o sumo aprazimento estético de a escutar em público.

Estas evocações que afloram à memória e dela saltam aos rabiscos no papel onde se procuram fixar com algum nexo, não se compadecem com a trasladacção integral das reminiscências múltiplas, nem mesmo de considerável parcela, para uma prova de escrita, de espaço circunscrito.

Desse concerto — como que natalício de uma instituição que deixou muito mais que lembranças e saudades, uma verdadeira sensação de lacuna nunca de novo preenchida, limitar-me-ei a dizer, de início, que Aveiro —, o primeiro dos aveirenses que citei —, conserva carinhosamente como lembrança-relíquia, como espécime inestimável de museu de recordações, a cadeira, tosca e robusta, em que a artista interpretou o programa. O programa que cuidadosamente escolheu para pôr à prova toda a larguíssima gama, riquíssima, dos seus recursos praticamente inexauríveis de intérprete extraordinariamente dotada.

A artista que cuidava com desvelo a preparação técnica, levava ao máximo apuro a transposição através do seu vibratilíssimo temperamento das intenções apreensíveis dos compositores e cuidava com meticuloso cuidado do «décor». Desse modo, como o arranjo e tom dominante da «sala» montada no palco lhe induziam, ao seu bom gosto feminino, qual dos vestidos de que viera provida deveria preferir para a noite — para essa gala aveirense — não se dispensou de experimentar as condições acústicas da elegante sala, aliás excelentes.

Viera no carro de uma discípula dilecta, que só não foi uma artista de qualidade, porque viveu num ambiente de demasiada abundância, pelo excesso esterilizadora. E acompanhara-as um amigo de família, admirador devotado de Suggia, dado ao convívio das musas, com alguma felicidade e com êxito nos meios restritos em que evidenciava os dons de convivência distinta, amena e ilustrada.

Na circunstância, pontualíssimo no ouvir e no aplaudir da artista a que consagrava um quase culto, de um extremo da plateia serviu, com a sua muito sensível acuidade, para testificar a nitidez com que se ouvia.

A celista incomum que Suggia era, incluíra no programa, a seguir à conhecida «Peça em forma de Habanera», de Ravel, a famosa e arrebatadora «Dança ritual do fogo» de Falla. Servia-lhe esta peça tanto da sua predilecção como pedra de toque, como, pela variabilidade de vibração sonora e efeitos de transmissibilidade correspondentes, digamos, de unidade, complexa embora, de medida para avaliar dos requisitos dos vários pontos do teatro.

Executou a peça com a maestria que lhe era peculiar. A sala, de um extremo ao outro, da platena ao fundo do segundo balcão penetrou-se da beleza eufónica de enlevamento, do trecho que era dado em toda a essência. O perito de ocasião, o poeta Qìueirós Ribeiro, achou bem — a execução e o modo como se ouviu. Pediu, contudo, a Suggia que repetisse. E como esta inquirisse da motivação do seu desejo, deu uma razão plausível, e aceite: — «Quero verificar noutro extremo se as condições de audibilidade são tão boas como estas.»

Eram-no, com efeito. Mas a prova ainda o não satisfaria.

— «Toque outra vez!»

— Outra vez? — retorquiu a violoncelista, surpreendida com a insistência, e com simulado agastamento — Outra vez, porquê?». E, calmamente, arrastando no tom, também fingidamente repreendedor, Queirós Ribeiro, deu o motivo da reiteração daquela pretensão insólita, com um argumento indiscutível:

— «Porque não tocou bem!»

E, assim, eu pude, encantado e inolvidavelmente, ouvir a interpretação vibrantíssima, tão arrebatadora e sugerente da «Dança Ritual do Fogo» de Manuel de Falla, da sublime Suggia, nessa data memorável, nada menos que cinco vezes — porque à noite, como é natural, foi bisada.

* * *

O segundo desses concertos que agora se recordam remata a carreira, de mil loiros e aclamações inumeráveis de Suggia. Doentíssima — de um mal que não perdoa, para usar a expressão na circunstância empregada pelas folhas periódicas — entre a tentação da simpatia que Aveiro lhe conquistara e o estado de agudíssima gravidade em que se encontrava e sentia, hesitou. Acabou por se sobrepor a artista à enferma.

E no próprio concerto assim sucederia. Suggia, se é legítimo dizê-lo, superou-se. Nessa derradeira noite — de 31 de Maio de 1950 — como se pressentisse que era na verdade a última da sua vida, prestes a fenecer, e pusesse todos os últimos, mais fundos e mais depurados e mais contagiantes predicados nas versões que apresentou, quintessenciou-se. Mais evidentemente, numa «Tocata», de Bach, já de si plena de sentimento religioso, a sensação que transmitiu não deu a impressão da vida, nem da morte, mas no transporte da mais pura espiritualidade que suscitou no auditório maravilhado, verdadeiramente a de um «outro mundo» etéreo, de suprema beleza.

Nessa noite, por qualquer circunstância ocasional, só tive ensejo de render as minhas homenagens à grande artista, no intervalo da audição. Quando subia os últimos degraus de acesso ao salão do teatro, onde se lhe preparara a «traição» consagradora e de reconhecimento, de uma lápida com a reprodução ampliada da sua assinatura.

Suggia, antes mesmo que eu a cumprimentasse, sempre artista mais que atingida por uma doença de morte, interrogou-me:

— «Percebeu-se que estou muito doente?»

E como eu me mostrasse incrédulo, «piedosamente», da doença que tanto a afligia, adiantou:

— «Gravissimamente doente. Pouco antes de vir, uma trindade de médicos hesitava em deixar-me vir a Aveiro, a esta noite encantadora».

E, esquecendo o mal, que era de morte a curto prazo, certificada de que o concerto não apenas não desmerecia dos seus méritos e créditos, mas, porventura, havia sido da sua mesma superação, pelas fisionomias enlevadas ainda e pelos aplausos talvez nunca tão intimamente carinhosos, a artista abria-se em júbilo, em comunhão sentimental, similar à partilha dos dotes artísticos pelos ouvintes, de antes e depois.

E, não devo esquecê-lo, no meu bairrismo, de mero cidadão da minha terra, ao despedir-se de mim, ainda em plena vibração de mais um — e o último — triunfo, com os talvez não repetidos sinais de alegria e felicidade, como se aqui houvesse recobrado a saúde e disposição, como se em Aveiro respirasse o ambiente mais salutífero e retemperador, pronunciou as poucas palavras que fixei:

— «Isto só em Aveiro me podia acontecer!»

É sabido que nessa noite as suas mãos sortílegas pegaram pela última vez também no violoncello.

E assim a primeira data, ainda que um mero episódio na carreira artística de Suggia ,ficou na história de Aveiro, pelo facto a que ficou ligada.

A segunda, todavia, ficou como um facto a relevar no passado aveirense ,mas como uma data da história de Guilhermina Suggia.

EDUARDO CERQUEIRA

Assembleia Municipal de Aveiro

AVISO

Por aviso publicado nos Jornais locais foi marcada uma reunião a realizar no dia 8 do corrente mês, para designar o representante da Indústria do concelho ao Conselho Municipal.

Atendendo a que compareceu unicamente um industrial a mesma reunião não se realizou.

Assim, convoco todos os industriais do concelho para nova reunião, que terá lugar no próximo dia 16, pelas 16 horas, na Sala das Sessões da Câmara Municipal de Aveiro.

Aveiro, 8 de Agosto de 1978.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL,

a) *António Manuel Pinto Soares Machado*

Porquê Aveiro?

Continuação da página 3

de Alfarrobeira, para se avaliar o desprezo e o ódio que a sua alma sensível e nobre poderia albergar contra todos os jogos de interesses e traições desenrolados à volta do trono.

E é assim que o Superior dos dominicanos compra umas pequenas casas, junto do seu convento, para D. Brites e suas filhas. Em 1461 chega a Bula pontifícia autorizando a fundação do Convento de Jesus; no ano imediato, estando D. Afonso V em Coimbra, sabendo que se preparam os terrenos para a edificação da igreja do mesmo convento, desloca-se a Aveiro para o lançamento da sua primeira pedra. Anos mais tarde (1466), D. Afonso V concede ao mosteiro de Jesus a esmola anual de 6.000 reais brancos, o que prova a sua simpatia para com a sua fundadora.

HONORINDA CERVEIRA

Ainda a propósito das «Bodas de Prata» do Centro Cacia («Celulose»)

Conforme foi noticiado em edições anteriores, o programa comemorativo das «bodas de prata» do Centro Cacia («Celulose») incluiu vários números nos dias 21, 22 e 23 de Julho passado. Recorde-se que foi em 23 de Julho de 1953 que se verificou o arranque do complexo industrial com o lançamento da primeira cozedura Kraft de pinho bravo.

Nas edições do «Litoral», de 28 de Julho último e de 4 do corrente, foi feita destacada referência à visita programada para a quinta de S. Francisco, em Eixo, efectuada na manhã do dia 22 e às cerimónias do dia seguinte que, conforme estava anunciado, incluíam missa de sufrágio por todos os trabalhadores falecidos, a qual teve lugar na igreja paroquial de Cacia, bênção do auto-pronto-socorro do Corpo Privativo de Bombeiros (de que, por expressa vontade dos Bombeiros, foi madrinha Maria João Valente, uma das filhas do Director do Centro), seguida de desfile das viaturas e do pessoal através das principais ruas da povoação e, a terminar, almoço oferecido às entidades oficiais e convidados presentes, na Cantina das Instalações Fabris.

Para que se possa ficar com uma ideia mais completa e mais precisa quanto à forma como se processaram todas as comemorações dos 25 anos desta Empresa, que engloba uma fábrica de produção de pastas de eucalipto e de pinho, uma fábrica de papel e uma fábrica de embalagens e cuja fundação se ficou a dever — justo é referi-lo — aos Engenheiros Manuel dos Santos Mendonça, falecido em 1966, e Vasco de Quevedo Pessanha, ainda Administrador na altura em que a «Celulose» foi nacionalizada, há a acrescentar, ao que já foi publicado, mais o seguinte:

1 — No dia 21 de Julho efectuou-se na Cantina da Fábrica o grande almoço de confraternização, o qual teve a presença da maioria dos trabalhadores de Cacia, de 18 trabalhadores da ex-sede da «Celulose» (Lisboa) e de quatro membros do Conselho de Gerência da Portucel.

Foi um almoço muito animado e concorridíssimo. No final, e sem formalismos, foram distribuídas lembranças aos trabalhadores, com 10, 20 e 25 anos de casa. Fizeram 25 anos 163 trabalhadores. A estes foi entregue uma medalha de prata com a designação «Ao serviço da Celulose-Cacia». Para além destas lembranças, a todos os trabalhadores do Centro foi entregue um bonito e valioso prato, comemorativo dos 25 anos, fabricado pela consagrada Vista Alegre.

2 — Da visita à Quinta de S. Francisco, propriedade de D. Maria Leocádia Magalhães Lima Mascarenhas e Família, descendentes do Dr. Jaime de Magalhães Lima, já o «Litoral» deu notícia, transcrevendo o texto que foi lido, no início da visita, pelo Director do Centro Cacia, Eng.º Carlos Valente.

A mata de eucaliptos foi percorrida sob a orientação e com as explicações do Eng.º Ernesto Goes, Director do Centro de Produção Florestal da Portucel.

No final realizou-se a visita-romagem à casa onde viveu o ilustre aveirense que foi Jaime de Magalhães Lima, percorrendo-se as várias dependências, com relevo para a biblioteca e sala de estudo do filósofo. Tratou-se de uma visita duplamente interessante, quer do ponto de vista técnico, quer do ponto de vista cultural, que a todos agradou plenamente. No início da visita foram distribuídas brochuras do Centro de Produção Fabril Cacia, o «Arboreto de eucaliptos», «Notas sobre o Centro de Produção Florestal da Portucel» e «Polémica Celulósica — o eucalipto no banco dos réus».

Entrega de medalhas a trabalhadores com 25 anos de casa

3 — Depois da visita à quinta, seguiu-se um almoço no Hotel Imperial oferecido aos convidados. Foi distribuído o prato comemorativo a todos os elementos estranhos à «Celulose», lembranças às D. Maria Leocádia e esposa do Eng.º Goes, bem como flores a todas as senhoras presentes. No final do repasto, o Dr. David Cristo usou da palavra, fazendo, com o brilhantismo que se lhe reconhece, a evocação do Dr. Jaime de Magalhães Lima.

O agradável almoço-convívio foi encerrado pelo Eng.º Teixeira Lopo, Presidente do Conselho de Gerência da Portucel, o qual, nas suas palavras, fez referência ao período festivo que se estava comemorando e abordou vários aspectos ligados à Empresa de que é o principal gestor e o maior responsável pela condução dos seus destinos.

4 — Organizado pelo Centro de Cultura e Desporto, realizou-se no dia 22 um safari fotográfico que terminou na quinta de S. Francisco, à hora do início da visita. Aderiram a esta iniciativa bastantes interessados. Só dentro de dias se conhecem os resultados finais.

5 — O desporto, na modalidade de atletismo, também esteve presente nas comemorações, graças à iniciativa do Centro de Cultura e Desporto que, no dia 22 de Julho, levou a efeito uma prova pedestre daquela modalidade a que concorreram trabalhadores dos diversos centros da Portucel. O vencedor da referida prova foi Luís Caçador, do Centro Ródão. A classificação geral, por equipas, foi a seguinte: 1.º Ródão; 2.º Mourão; 3.º Guilhabreu; 4.º Albarraque e 5.º Cacia. Escalreça-se que Mourão, Guilhabreu e Albarraque são unidades fabris do Centro Fabril Guadiana.

6 — Finalmente e também por iniciativa do Centro de Cultura e Desporto (com a valiosa e indispensável colaboração dos Bombeiros) efectuou-se, na tarde do dia 22, no parque de jogos do Centro, um espectáculo dedicado às crianças, seguido de merenda. Participaram diversos artistas musicais e uma parelha de palhaços, o que contribuiu para que as crianças — em número que excedeu toda a expectativa — tivessem passado umas horas cheias de alegria e felicidade.

À noite, e no mesmo local, houve um arraial (com variedades) dedicado ao povo de Cacia. A festa prolongou-se até às tantas sempre em clima da melhor disposição por parte das inúmeras pessoas que participavam nesse arraial de características vincadamente populares. Foi uma festa em cheio.

7 — Não queremos terminar este apontamento alusivo às comemorações dos 25 anos da «Celulose» sem referir que continua em preparação uma Revista comemorativa da efeméride a qual foi elaborada com a colaboração de várias personalidades do exterior e de trabalhadorse do Centro. Pensa-se que, dentro em breve, será possível proceder à distribuição dessa Revista.

LÚCIO LEMOS

CURSO DE 7.º ANO DE LETRAS-1936/37

LICEU DE JOSÉ ESTÊVÃO

No próximo dia 30 de Setembro (sábado) reunirá aquele Curso memorando o seu 41.º aniversário, com programa a anunciar oportunamente.

Presta informações o colega José Adriano P. de Aguiar, Rua da Granja, 43 — Tel. 24692 — AVEIRO.

DAR SANGUE
É UM DEVER

NUNO VASCO DA GAMA DE MEDEIROS GRENO

AGRADECIMENTO

A família do saudoso extinto, agradece, por este único meio, a quantos participaram na missa do 30.º dia, ou que, por qualquer outra forma, se tenham associado à sua dor, a todos testemunhando o seu indelével e profundo reconhecimento.

Aveiro, Agosto de 1978.

CARTÓRIO NOTARIAL DE MIRA

Notário: Licenciado em Direito João Marques de Pinho Terrível.

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

Certifico para efeitos de publicação que na escritura de 1 de Agosto corrente lavrada a fls. 68 v.º e segts. do livro de notas para escrituras diversas N.º C-80 deste Cartório, Manuel Marques Rosa e mulher Arminda de Jesus Capôa, casados segundo o regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar da Carregosa, freguesia de Ouca, concelho de Vagos, declararam ser donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, de um prédio rústico composto de terra de cultura de sequeiro sita na Cancelinha, limite do lugar e dita freguesia de Ouca, confinando do norte com servidão, do sul com António da Silva Roque, nascente com António Rocha e do poente com caminho público, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Vagos e inscrito em nome do justificante-marido na respectiva matriz rústica sob o art. 1005, com o valor matricial de 1.540$00 e o atribuído de 20.000$00. Que o dito prédio o adquiriram por virtude de compra feita a José da Silva Roque e mulher Maria Celeste da Mota, residentes no lugar de Azurveira, freguesia de Bustos, concelho de Oliveira do Bairro, conforme escritura de 7 de Novembro de 1968, lavrada no Cartório Notarial de Vagos, a fls. 51 e sgts. do respectivo livro de notas para escrituras diversas N.º 40. Que não é a referida escritura de compra e venda título bastante para efeitos de registo do citado prédio na mencionada Conservatória, mas a verdade é que os transmitentes - vendedores, ditos José da Silva Roque e mulher Maria Celeste da Mota eram na data da citada escritura, pela qual o venderam ao justificante-marido, os únicos donos e legítimos possuidores do referido prédio, tendo-o possuído até essa data, em nome próprio, durante mais de 30 anos, com exclusão de outrem, sem a menor oposição de quem quer que fosse, desde o seu início, sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento da generalidade das pessoas da dita freguesia de Ouca e freguesias vizinhas, posse traduzida em actos materiais de fruição, conservação, demarcação e defesa, pacífica, contínua e pública, pelo que adquiriram o dito prédio por usucapião, causa esta de aquisição que não pode ser comprovada pelos meios extrajudiciais normais. Está conforme ao original, na parte respeitante.

Mira e Cartório Notarial, 1 de Agosto de 1978.

O NOTÁRIO,

a) *João Marques de Pinho Terrível*

LITORAL - Aveiro, 11/8/78 — N.º 1212

Continuações da última página

Reforços dos Auri-Negros

(ex-junior), Soares (ex-Portimonense) e Garcês (ex-Riopele).

Falta apenas, dos elementos que já assinaram a ficha pelo Beira-Mar, o maliano Keita (ex-Académico de Viseu) — que, devidamente autorizado, seguira de férias para o seu país, pelo que se sabia não poder estar presente no primeiro dia de treinos.

JUNIORES

Masculinos

1.ª jornada — 28/Outubro
BEIRA-MAR - GALITOS
ARCA - SANGALHOS

2.ª jornada — 4/Novembro
GALITOS - ARCA
SANGALHOS - ESGUEIRA

3.ª jornada — 11/Novembro
ESGUEIRA - GALITOS
ARCA - BEIRA-MAR

4.ª jornada — 18/Novembro
GALITOS - SANGALHOS
BEIRA-MAR - ESGUEIRA

5.ª jornada — 25/Novembro
SANGALHOS - BEIRA-MAR
ESGUEIRA - ARCA

Femininos

1.ª jornada — 5/Outubro
GALITOS - ESGUEIRA
ILLIABUM - SANJOANENSE

2.ª jornada — 7/Outubro
ESGUEIRA - ILLIABUM
SANJOANENSE - SANGALHOS

3.ª jornada — 14/Outubro
SANGALHOS - ESGUEIRA
ILLIABUM - GALITOS

4.ª jornada — 21/Outubro
ESGUEIRA - SANJOANENSE
GALITOS - SANGALHOS

5.ª jornada — 28/Outubro
SANJOANENSE - GALITOS
SANGALHOS - ILLIABUM

se deseja que o evento tenha bom sucesso...

Muito público assistiu à passagem dos ciclistas da «Volta», o que surpreende, uma vez que à segunda-feira o trabalho não se compadece. A verdade é que muita gente acorreu à *Variante* e aplaudiu os «voltistas», desmentindo, assim, a atoarda de que as gentes de Aveiro só vão as futebol!

E a propósito, recordamos que, décadas atrás, a cidade contou com dois bons ciclistas. Um deles chegou mesmo ao vencer o «Giro ao Minho». Tratava-se do Elias Cruz, ali de S. Bernardo, que alinhava pelo F. C. do Porto e possuía excelente capacidade física. Era aquilo que se poderia considerar um lutador. O outro, o Vítor Guimarães, defendeu as cores do Académico do Porto e foi, salvo erro, o 24.º numa das «Voltas».

Dois aveirenses de antanho, que deixaram o seu nome ligado às provas velocipédicas.

No momento, do Distrito, apenas o Sangalhos anda na «Volta», cumprindo uma presença que vem de sempre, pode dizer-se, desde a sua existência.

Ora, tratando-se de uma região onde quase toda a gente anda de bibicleta, parece-nos que seria de muito interesse a existência de outra colectividade votada à modalidade. O Distrito é rico em dedicações (e não só...) pelo que vamos acreditar no aparecimento da tal equipa.

E esta seria uma boa notícia, no ano em que a Volta a Portugal vai *passear* e *permanecer* muito tempo entre nós.

Ficaremos a aguardar que a notícia se confirme.

JOAQUIM DUARTE

Futebol de Salão

TORNEIO DE «OS CRAVAS»

ções encontravam-se assim ordenadas:

SÉRIE I

	J	V	E	D	Bolas	P
Magriços-A	5	4	1	0	16-1	14
Pad. Beira-Mar	5	3	2	0	14-4	13
Hotel Arcada	5	2	3	0	15-4	12
Café Tako	5	2	1	2	5-5	10
Met. Casal	5	2	1	2	5-5	10
B.I.A.	5	1	2	2	6-3	9
Infantes	4	1	0	3	3-10	6
Pintarola	4	1	0	3	3-15	6
C.R. Forca	4	0	0	4	2-22	4

SÉRIE II

	J	V	E	D	Bolas	P
B.Alboi	5	4	0	1	13-2	13
C. Ding-Dong	5	3	1	1	16-9	12
Top Card	5	3	1	1	6-3	12
El. Carmar	5	3	0	2	4-5	11
Tokytanga	6	2	1	3	5-7	11
Apal	6	2	1	3	6-14	11
B. F. Burnay	4	1	2	1	6-5	8
Os Choras	5	0	2	3	2-7	7
E. P. Aveiro	5	0	2	3	2-8	7

Xadrez de Notícias

Reprovou apenas José Joaquim Barata Pio, de Castelo Branco, sendo considerados aptos: Adriano Aníbal Pereira Alves dos Santos (Mirandela), António Pires Roque Martins Afonso (Coimbra), Carlos Alberto Peres Andrade (Viseu), Carlos Augusto de Miranda Pires (Aveiro), Jaime Manuel Ribeiro de Jesus (Castelo Branco), João Carlos Amaral Simões Peixinha (Aveiro), João Manuel Sequeira Amaral Joaquim (Gouveia), José Carlos Mendes Candeias (Coimbra), Luís Augusto Baptista Simões (Sangalhos), Manuel Inácio Roque Saraiva (Oliveira de Azeméis), Maria Fernanda Silva Baptista Martinho (Sangalhos), Mário José da Silva e Sousa (Coimbra), Orlando Augusto Moreira Simões (Sangalhos), Rosa Maria Rodrigues Filipe (Sangalhos) e Vítor Manuel Antunes (Coimbra).

Na sua reunião de 20 de Julho findo, a Direcção do Beira-Mar deliberou, por unanimidade, exarar em acta uma menção honrosa aos seccionistas, monitores e atletas da Secção de Andebol «não só pelos excelentes resultados conseguidos, como também pela extraordinária dedicação e espírito de sacrifício demostrado através de toda a época, confirmando um inegável beiramarismo, que os faz credores da maior estima e consideração.»

Remo

condições das águas, muito agitadas por forte vento, a soprar em sentido contrário à deslocação dos barcos. E se até nos «yolles» houve nítido prejuízo, calcule-se o que sucedeu para os «shell»... — no que concerne a dificuldades-extra para o esforço dos remadores.

Houve três regatas em que os vencedores (Fluvial Portuense, Infante D. Henrique e Desportivo da C.U.F.) correram isoladamente, por ausência de competidores: «shell» de oito — juniores, «shell» de quatro, sem timoneiro — juvenis, e «yolles», de oito — juvenis. Mas é de assinalar, em contrapartida, que houve regatas com oito tripulações inscritas — sem necessidade de se proceder a eliminatórias, dada a largura da pista da barragem da Régua.

Falando, concretamente, na participação dos remadores do Clube dos Galitos, haverá de relevar-se o comportamento dos aveirenses nas regatas em barcos «shell» — que se saldou por três vitórias e a conquista de três títulos em quatro presenças. Nos «yolles», com três presenças, os alvi-rubros obtiveram um segundo lugar e dois quintos (um dos quais, em quatro — juniores, numa regata que o Galitos perdeu, quando poderia ter vencido — como adiante referiremos).

Vejamos, prova-a-prova, as corridas em que o Galitos tomou parte:

«YOLLES» DE 4 — SENIORES

1.º — Clube Naval de Lisboa. 2.º — GALITOS (António Simões, Carlos Santos, António Magalhães, José Domingos e António Nifo, tim.). 3.º — Ferroviários. 4.º — Ginásio Figueirense.

Bom triunfo dos lisboetas, a quem os aveirenses deram réplica quase até ao fim.

Náutico de Viana, Cdup, Naval Setubalense e Sport não chegaram a largar, embora estivessem inscritos.

«YOLLES» DE 4 — JUNIORES

1.º — Naval 1.º de Maio. 2.º — Ferroviários. 3.º — Sport. 4.º — Náutico de Viana. 5.º — GALITOS (Silvério José Soares Fresco, Eduardo Jorge Gonçalves Oliveira, João António Neves Correia Simões, João Eduardo Pinto Rodrigues e Francisco Horta, tim.). 6.º — Naval Setubalense. 7.º — Cdup.

Em condições normais, o Galitos teria discutido o título nesta regata, com fortes probabilidades de o obter. Mas veio a quedar-se em modesto e imerecido posto, dado que, na partida, e por avaria do «slider» do seu proa, perdeu considerável distância (mais de duzentos metros). O juiz-árbitro — em manifesto desacordo com decisão que haveria de tomar, numa situação idêntica, ocorrida posteriormente... — decidiu desatender o pedido dos aveirenses para se repetir a largada, num erro evidente (como se haveria de reconhecer, mas sem se poder emendar... com manifesto prejuízo para o Galitos).

Os alvi-rubros operaram ainda recuperação notável, mas insuficiente para chegarem ao primeiro lugar...

«YOLLES» DE 4 — JUVENIS

1.º — Vilacondense. 2.º — Ginásio Figueirense. 3.º — Ferroviários. 4.º — Colégio Militar. 5.º — GALITOS (António Pedro Vieira Nunes, Pedro Luís Pires de Carvalho, Luís Filipe Antunes da Cruz Nunes, Carlos Manuel Pires e António Nifo, tim.). 6.º — Naval 1.º de Maio. 7.º — Sport. 8.º — Naval Setubalense.

Regata de muito espectáculo, com classificações bem ajustadas ao labor das diversas tripulações.

«SHELL» DE 2, S/TIM.— JUNIORES

1.º — GALITOS (João Manuel Carlos Casqueira e Augusto Silva Rodrigues dos Santos). 2.º — Náutico de Viana. 3.º — Associação Naval de Lisboa. Também inscrito, o Sport não alinhou.

Triunfo nítido da turma aveirense, que cortou a linha de meta com cerca de 1 m. 20 s. de vantagem.

«SHELL» DE 4, C/TIM.— JUNIORES

1.º — GALITOS (Silvério José Soares Fresco, Eduardo Jorge Gonçalves Oliveira, João António Neves Correia Simões, João Eduardo Pinto Rodrigues e Francisco Horta, tim.). 2.º — Desportivo da C.U.F. 3.º — Associação Naval de Lisboa. 4.º — Fluvial Portuense. 5.º — Vilacondense. Não alinharam o Naval 1.º de Maio e o Náutico de Viana, que estavam inscritos.

Os alvi-rubros comandaram, desde a partida, ganhando sem discussão e «vingando-se» do inêxito da véspera, na contestada regata de «yolles».

«SHELL» DE 2, C/TIM — JUNIORES

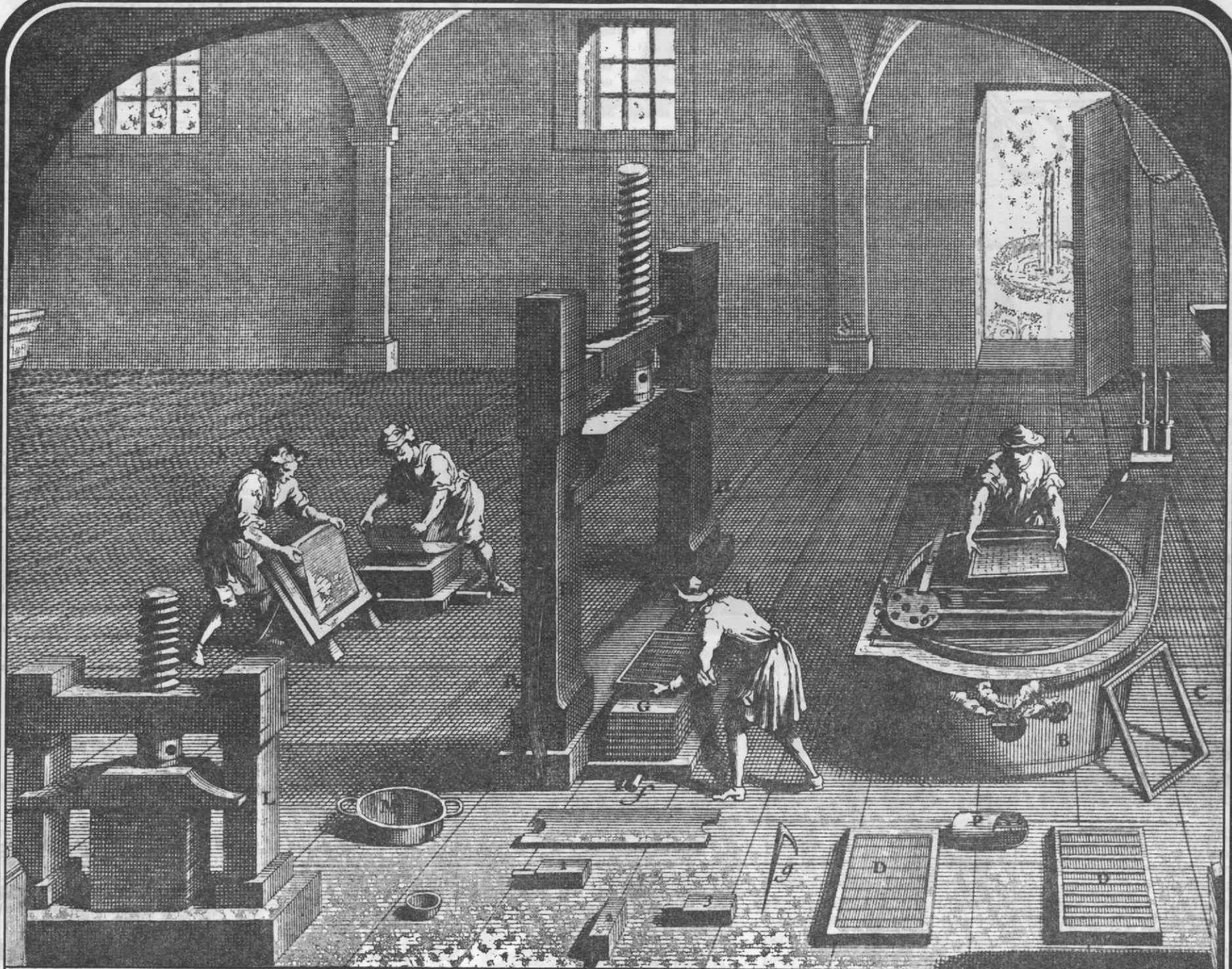
1.º — Cdup. 2.º — Ferroviários. 3.º — GALITOS (Armindo Rodrigues, Paulo Correia e António Grilo, tim.). Não competiram, embora inscritos, o Sport, Infante D. Henrique e Associação Naval de Lisboa.

Triunfo de certa sensação, o dos universitários portuenses, que venceram de modo autoritário e nítido. O Galitos, aquém do seu habitual, era o favorito desta regata — até porque, quinze dias antes, na mesma pista, tinha conquistado o Campeonato Regional, superando o Cdup.

«SHELL» DE 4, C/ TIM.- SENIORES

1.º — GALITOS (António Simões, Carlos Santos, António Magalhães, José Domingos e António Nifo, tim.). 2.º — Ferroviários. 3.º — Desportivo da Cuf. 4.º — Associação Naval de Lisboa. 5.º — Fluvial Portuense. 6.º — Náutico de Viana.

Sempre na frente, desde a largada, a mais consagrada e esperançosa tripulação dos alvi-rubros (presente, em França, no estágio efectuado em Vichy, em 21 e 22 de Maio) ganhou com cerca de três barcos de vantagem, após boa réplica dos seus opositores, que, diga-se, só na ponta final vieram a ceder de modo nítido. Até aí, assistiu-se a boa luta — que valorizou grandemente a vitória do Galitos.

AO DIVINO ESPIRITO SANTO e S. JUDAS TADEU
Agradeço graças recebidas.
P.B.A.R.

Há vinte e cinco anos, produziu-se em Cacia
e pela primeira vez em Portugal
pasta para papel pelo processo kraft
Assim se deu impulso a uma indústria
que, a partir de então, se desenvolveu
a ritmos particularmente rápidos
A experiência pioneira de Cacia deu lugar
ao aparecimento de novas fábricas
ao desenvolvimento da indústria papeleira
ao fomento da Floresta
a uma exportação que assume lugar cimeiro
entre as exportações portuguesas
A fábrica de Cacia, hoje integrada na Portucel
contribui significativamente para a produção
de pastas, papel e embalagem

Somos, no conjunto da Empresa, 6 000 pessoas
que, nas fábricas, nos escritórios e na floresta
nos orgulhamos de criar riqueza para o País
A nossa produção aproxima-se já de oito milhões
de contos e exportamos mais de metade deste valor
Prosseguiremos o nosso desenvolvimento
com um plano de investimentos
de sete milhões de contos até 1984
dos quais mais de setecentos mil contos
para a protecção do ambiente
pois queremos dar plena utilização
às potencialidades da terra portuguesa
Recordamos os nossos companheiros
que, há vinte e cinco anos,
acreditaram, construiram, abriram caminhos

celebramos os
25 anos
Centro de Produção Fabril/Cacia

Iniciaram-se os treinos do BEIRA-MAR

Dentro do que se encontrava programado, tiveram início, na passada segunda-feira, os treinos dos futebolistas do Beira-Mar. Pelas nove horas da manhã, concentraram-se, no Estádio de Mário Duarte, os jogadores do plantel auri-negro, os treinadores Fernando Cabrita e Domingos e os massagistas esta época ao serviço do clube (Matos Coelho, vindo do Benfica, e o aveirense Benvindo Pitarma).

Após breve cerimónia de apresentação, em que estiveram presentes alguns directores, os atletas e técnicos beiramarenses seguiram para a vizinha praia da Barra — onde decorrerá a primeira fase da preparação, incluindo sessões de preparação física, até ao dia 14.

De manhã, nas areias, junto ao mar; de tarde, nos pinhais, nas matas da Gafanha.

Na próxima segunda-feira, os beiramarenses virão a Aveiro — começando os treinos no «Mário Duarte». No final dessa semana — oito dias antes da ronda de abertura do Campeonato Nacional da I Divisão —, e para rodagem da turma, o Beira-Mar toma parte, em Espinho, no Torneio da Costa Verde, a disputar nos dias 19 e 20, e em que também participam o Feirense, o Sporting de Espinho e o União de Lamas.

No estágio em curso no Hotel da Barra, encontram-se os seguintes futebolistas:

Guarda-redes — Rola, Padrão e Peres. Defesas — Manecas, Quaresma, Sabu, Lima, Neto, Leonel e Soares. Médios — Sousa, Cambraia, Cremildo, Vala e Veloso. Avançados — Germano, Meireles, Garcês, Camegim e Nyromar.

REFORÇOS DOS AURI-NEGROS

Na foto ao lado — obtida na segunda-feira junto dos balneários do «Mário Duarte», antes dos beiramarenses saírem do estádio para o estágio na praia da Barra — apresentamos os reforços dos auri-negros para a próxima época: Padrão (ex-Riopele), Peres (ex-Sanjoanense), Camegin (ex-Académico de Coimbra), Nyromar (ex-Madureira), Veloso (ex-Sanjoanense), Vala (ex-Académico de Coimbra), Neto

Continua na página 5

A propósito da 40.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

APONTAMENTO DO CAP. JOAQUIM DUARTE

Não levamos nem damos nada pela novidade, e a notícia é esta: Aveiro terá, no próximo ano, uma equipa de ciclismo!

Não sabemos se terá sido o entusiasmo momentâneo da Volta a Portugal que vem na origem de uma equipa de corredores de bicicleta, como não sabemos, também, como estas coisas, estando no segredo dos deuses, vêm cá para fora. Mas o que sabemos — pelo garante de pessoa amiga — é que um clube da cidade, a comemorar dentro em pouco as suas bodas de prata, pensa seriamente em inscrever-se na Associação de Ciclismo de Aveiro.

A ser verdade, o clube teria o apoio financeiro de uma importante firma local, o que bem pode constituir garantia da notícia que, repita-se, foi fornecida por uma fonte respeitável. Veremos como é, e só

Continua na página 5

CAMPEONATOS DE AVEIRO

Como oportunamente noticiámos (cf. LITORAL, n.º 1210, de 28 de Julho findo), a Associação de Desportos de Aveiro procedeu aos sorteios referentes aos campeonatos distritais de basquetebol, elaborando depois, em conformidade, os respectivos calendários.

Divulgamos, hoje, os programas das seguintes competições:

SENIORES

Masculinos

1.ª jornada — 4/Outubro
ESGUEIRA - OVARENSE
GALITOS - SANGALHOS
BEIRA-MAR - SANJOANENSE

2.ª jornada — 7/Outubro
OVARENSE - GALITOS
SANJOANENSE - ESGUEIRA
SANGALHOS - BEIRA-MAR

3.ª jornada — 14/Outubro
BEIRA-MAR - OVARENSE
GALITOS - ESGUEIRA
SANJOANENSE - SANGALHOS

4.ª jornada — 21/Outubro
OVARENSE - SANGALHOS
GALITOS - SANJOANENSE
ESGUEIRA - BEIRA-MAR

5.ª jornada — 28/Outubro
SANJOANENSE - OVARENSE
SANGALHOS - ESGUEIRA
BEIRA-MAR - GALITOS

Femininos

1.ª jornada — 21/Outubro
ESGUEIRA - GALITOS
SANJOANENSE - SANGALHOS

2.ª jornada — 28/Outubro
GALITOS - SANJOANENSE
SANGALHOS - ESGUEIRA

3.ª jornada — 4/Novembro
SANGALHOS - GALITOS
SANJOANENSE - ESGUEIRA

Continua na página 5

REMO

CAMPEONATOS NACIONAIS DE VELOCIDADE

Associação Naval de Lisboa (4) e Galitos (3)

OS CLUBES COM MAIS TÍTULOS CONQUISTADOS

Em 29 e 30 de Julho findo — conforme noticiámos já, em apontamento publicado no LITORAL da semana transacta — disputaram-se, na barragem da Régua, os Campeonatos Nacionais de Velocidade, organizados (por incumbência da Federação Portuguesa do Remo) pela Comissão Regional do Remo da Zona Norte, em colaboração com o Clube de Caça e Pesca do Alto Douro.

As magnas competições fizeram movimentar mais de meio milhar de remadores, de exactamente dezoito clubes — dos quais só cinco não conseguiram qualquer título: Ginásio Figueirense, Nauticus Clube de Regatas (das Caldas da Rainha), Náutico de Viana, Naval Setubalense e o novel Colégio Militar.

Houve, portanto, boa repartição de vitórias — sendo treze as colectividades que alcançaram triunfos nas regatas. Foram elas:

— em «SHELL» — GALITOS (dois sem timoneiro e quatro com timoneiro, em juniores; e quatro com timoneiro, em seniores), Associação Naval de Lisboa (dois com timoneiro, em juvenis; e «skiff», em juvenis; e oito, em seniores), Infante D. Henrique (quatro sem timoneiro e quatro com timoneiro, em juvenis), Centro Desportivo Universitário do Porto (dois com timoneiro, em juniores), Vilacondense (dois com timoneiro, em seniores), Desportivo da C.U.F. (quatro sem timoneiro, em seniores), Sport Clube do Porto (dois sem timoneiro, em juvenis), Clube Naval de Lisboa (dois sem timoneiro, em seniores) e A.R.C.O. («skiff», em seniores).

— em «YOLLES» — Clube Naval de Lisboa (quatro, seniores), Ferroviário de Portugal (oito, seniores), Naval 1.º de Maio (quatro, juniores), Associação Naval de Lisboa (oito, seniores), Vilacondense (quatro, juvenis) e Desportivo da C.U.F. (oito, juvenis).

As provas sucederam-se em bom ritmo e houve alguns despiques de muito interesse, com geral agrado para o público — que teve fartos motivos para se entusiasmar. Mas haverá que referir que a qualidade técnica foi bastante afectada pelas

Continua na página 5

XADREZ DE NOTÍCIAS

A turma de futebol dos «Bombeiros Novos» desta cidade desloca-se ao Porto, no próximo domingo, para realizar um encontro amistoso com a equipa da Associação Recreativa da Vitória, retribuindo visita recentemente feita a Aveiro por este clube.

O jogo terá início às 10.30 horas, no Estádio da INATEL.

A convite do Sporting Caminhense, o Galitos faz deslocar os seus remadores a Caminha, no domingo, 13 de Agosto corrente, para participarem nas regatas incluídas nas tradicionais Festas de Santa Rita, naquela vila minhota.

No intuito de reforçar a sua turma principal, que ascendeu ao Campeonato Nacional da II Divisão, o Oliveira do Bairro — onde continua o treinador Óscar Tellechea — assegurou o concurso dos futebolistas Rafael (ex-Académico de Viseu), Mendonça (ex-Naval), Nisa (ex-União de Coimbra) e Teixeira (ex-Naval e ex-Vitória de Guimarães)

Concluídos os trabalhos referentes ao XIII Curso de Treinadores Estagiários, que decorreu em Aveiro, organizado pela Federação Portuguesa de Basquetebol, foram divulgados os resultados obtidos pelos participantes.

Continua na página 5

TORNEIO *de* FUTEBOL *de* SALÃO *de* "OS CRAVAS"

No prosseguimento do torneio em curso no Pavilhão do Beira-Mar, e até sábado da semana finda (inclusive), na segunda fase da prova organizada pelos «Cravas», apuraram-se mais os seguintes resultados:

5.ª jornada

Apal, 0 — Bairro do Alboi, 3. Tokytanga, 0 — Electro Carmar, 1. Magriços-A, 5 — O Pintarola, 0. Os Choras, 1 — Banco Fonsecas & Burnay, 1.

6.ª jornada

B.I.A, 0 — Café Tako, 1. Padarias Beira-Mar, 2 — Hotel Arcada, 2. Banco Fonsecas & Burnay, 2 — Top Card, 0. Magriços-A, 3 — Metalurgia Casal, 0.

7.ª jornada

Apal, 1 — Tokytanga, 0. Electro Carmar, 1 — Café Ding-Dong, 3. Os Infantes, 3 — Centro Recreativo da Forca, 0. Os Choras, 0 — C.C.D. da Empresa de Pesca de Aveiro, 0.

8.ª jornada

Magriços-A, 1 — Hotel Arcada, 1. B.I.A., 5 — O Pintarola, 0. Bairro do Alboi, 0 — Top Card, 1. Padarias Beira-Mar, 2 — Café Tako, 0.

9.ª jornada

Electro Carmar, 1 — C.C.D. da Empresa de Pesca de Aveiro, 0. Apal, 1 — Banco Fonsecas & Burnay, 1. Os Infantes, 0 — Metalurgia Casal, 3. Tokytanga, 4 — Café Ding-Dong, 3.

10.ª jornada

B.I.A., 0 — Padarias Beira-Mar, 0. Magriços-A, 2 — Café Tako, 0. Bairro do Alboi, 4 — Os Choras, 1. Centro Recreativo da Forca, 0 — Hotel Arcada, 7.

11.ª jornada

Apal, 1 — Café Ding-Dong, 6. Tokytanga, 0 — C.C.D. da Empresa de Pesca de Aveiro, 0. O Pintarola, 2 — Metalurgia Casal, 1. Electro Carmar, 0 — Top Card, 2.

Com referência às jornadas que se efectuaram até 5 do corrente (a fase em curso terminará na próxima segunda-feira, dia 14), as classifica-

Continua na página 5

Exmº Senhor 1-820
João Sarabando
AVEIRO